ENTRELUGAR

# ESCOLHAS REPRODUTIVAS NO CONTEXTO AFRICANO E URBANO PÓS-COLONIAL: O CASO DE MAPUTO, A CAPITAL DE MOÇAMBIQUE

# REPRODUCTIVE CHOICES IN THE POST-COLONIAL AFRICAN AND URBAN CONTEXT: THE CASE OF MAPUTO, THE CAPITAL OF MOZAMBIQUE

# OPCIONES REPRODUCTIVAS EN EL CONTEXTO AFRICANO Y URBANO POSCOLONIAL: EL CASO DE MAPUTO, LA CAPITAL DE MOZAMBIQUE

**Rogers Hansine**
Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane – Maputo, Moçambique

E-mail: rogers.j.hansine@uem.ac.mz

## RESUMO

O artigo analisa como as experiências de urbanismo no contexto pós-colonial africano molda as escolhas reprodutivas. Empregando uma abordagem metodológica qualitativa, muitas vezes negligenciadas em estudos de fecundidade em África, a análise efectuada sugere que o desejo ou a crença no benefício socioeconômico de ter uma família pequena são motivações convincentes para reduzir voluntariamente o número de filhos. No entanto, a autonomia das pessoas (agência) e factores institucionais (condicionados pela estrutura social) determinam as oportunidades de escolhas alternativas para alcançar o tamanho de família desejado. Ou seja, o número de oportunidades para agir (sociologicamente) é um determinante das escolhas reprodutivas. A conclusão é que as disparidades na fecundidade intraurbana, um problema que tem merecido pouca atenção em África e em Moçambique em particular, são resultado das diferenças no acesso a oportunidades para efectuar escolhas reprodutivas.

**Palavras-chave:** Fecundidade. Espaços urbanos. África pós-colonial. Moçambique. Maputo.

## ABTSRACT

The article analyses how experiences of urbanism in a post-colonial African context shape reproductive choices. Employing a qualitative methodological approach, often overlooked in fertility studies in Africa, the analysis suggests that the desire or belief in the socioeconomic benefit of having a small family are compelling motivations to voluntarily reduce the number of children. However, the people's autonomy (agency) and institutional factors (conditioned by the social structure) determine the opportunities to

make alternative choices to achieve the desired family size. In other words, the number of opportunities to act (sociologically) is a determinant of reproductive choices. The conclusion is that disparities regarding intra-urban fertility, a problem that has received little scholarly attention in Africa and Mozambique in particular, are the result of differences in access to opportunities to act.

**Keywords:** Fertility. Urban spaces. Africa post-colonial. Mozambique. Maputo.

## RESUMEN

El artículo analiza cómo las experiencias del urbanismo en el contexto africano postcolonial dan forma a las opciones reproductivas. Empleando un enfoque metodológico cualitativo, a menudo pasado por alto en estudios de fertilidad en África, el análisis sugiere que el deseo o la creencia en el beneficio socioeconómico de tener una familia pequeña son motivaciones convincentes para reducir voluntariamente el número de niños. Sin embargo, la autonomía de las personas y los factores institucionales (condicionados por la estructura social) determinan las oportunidades de opciones alternativas para lograr el tamaño familiar deseado. Es decir, el número de oportunidades para actuar (sociológicamente) es determinante de las opciones reproductivas. La conclusión es que las disparidades en la fertilidad intraurbana, un problema que ha merecido atención limitada en África y Mozambique en particular, son el resultado de diferencias en el acceso a las oportunidades de tomar decisiones reproductivas.

**Palabras-Clave:** Fecundidad. Espacios urbanos. África postcolonial. Mozambique. Maputo

## INTRODUÇÃO

Na África Subsaariana, a população classificada como urbana, frequentemente apresenta uma fecundidade menor em comparação com a população em ambientes rurais (Bongaarts, 2017; Bongaarts, Frank, & Lesthaeghe, 1984; Garenne & Joseph, 2002). No entanto, essa associação entre baixa fecundidade e urbanidade é analiticamente problemática. Para começar, o significado da urbanidade é em si ambíguo. Há diferenças conceituais e empíricas baseadas em diferentes critérios utilizados por cada país para identificar e classificar áreas urbanas (Cohen, 2006). Além disso, há também diferenças significativas sobre o que constitui experiência urbana no Sul Global e Norte Global, este último muitas vezes usado como padrão conceitual de urbanidade (Haferburg

& Rothfuss, 2019). Mesmo dentro do Sul Global, as experiências de urbanidade em diferentes países ou dentro de um espaço urbano não são homogêneas (Jenkins, 2013). A cidade de Maputo está localizada no sul de Moçambique e é o mais importante centro urbano político, econômico e administrativo do país.

**Figura1. Localização geográfica da área de estudo**




Fonte: Wegener (2019).

Nesta cidade, as Taxas Totais de Fecundidade (TTF)[1] variam entre os distritos municipais, conforme observado no censo de 1997 e 2007. Em 1997, o distrito municipal

[1] A TTF é um indicador útil para examinar diferenças no comportamento reprodutivo. Por definição, a TTF – que pode ser referida simplesmente como fecundidade – é "o número médio de nascimentos que uma

de Kampfumo registou a menor taxa de fecundidade, estimada em 2,7 filhos por mulher. Em contrapartida, as maiores taxas de fecundidade foram registadas nos distritos municipais de Kamubukwna, com 4,3 filhos por mulher e Kamavota com 4,2 filhos por mulher. Em 2007, a menor taxa de fecundidade foi observada no município de Kampfumo, com 2,1 filhos por mulher.

Em contraste a maior foi observado em Kamavota e Katembe com 3,5 filhos por mulher. As disparidades observadas em 2007 são espacialmente consistentes com as disparidades observadas no censo de 1997 (INE, 1999; 2009). É entre os distritos municipais onde predominam as características de uma urbanização de cariz mais ocidental que se observa uma menor fecundidade que os distritos municipais onde predominam formas de urbanização de carácter menos ocidentalizado.

**Figura 2. Taxas de fecundidade por distrito Municipal**




Fonte: Wegener (2019).

mulher teria se ao longo de seus anos reprodutivos (15 a 49 anos) tivesse filhos correspondentes a fecundidade específica observadas em cada idade e em um determinado ano ou período" (Bongaarts & Feeney, 1998, p. 271).

A partir de entrevistas biográficas sobre experiências e percepções da vida urbana em Maputo, este artigo analisa como tais experiências subjetivas moldam as escolhas reprodutivas no contexto pós-colonial. É muito importante lembrar que ao falar-se em escolhas reprodutivas, estas devem distinguir-se de decisões reprodutivas. No contexto dos estudos reprodutivos, ambas terminologias não devem ser utilizadas de forma intercambiável, como explicam Willekens, Bijak, Klabunde e Prskawetz, (2017, p. 2). Uma decisão, no âmbito reprodutivo é um processo mental, enquanto a escolha implica uma acção possível como resultado do processo mental, isto é, da decisão. Por exemplo, a decisão de limitar o número de filhos é um processo mental. Entretanto, a escolha para limitar o número de filhos implica considerar que alternativas de acção existem e quais são as que estão ao alcance do actor social para este fim. Essencialmente, é através de uma ação que uma escolha é implementada. Uma vez tomada a decisão de limitar o tamanho da família, há escolhas sobre que ações realizar em função de menu de alternativas de escolhas. Fundamentalmente, a variedade de alternativas para agir, ou oportunidades de agir, são os fatores determinantes para alcançar ou não o tamanho desejado de família.

O aspecto inovador deste artigo é a relevância da abordagem metodológica. O que se defende é que as análises sócio-qualitativas são um arcabouço analítico de valor para estudar questões demográficas, geralmente estudadas num prisma quantitativo. No contexto urbano pós-colonial esta proposta metodológica é importante. É comum indicar-se que a insuficiência de indicadores quantitativos e a sua baixa qualidade, geralmente, por serem considerados inconsistentes e desactualizados, limitam o entendimento das questões populacionais nos contextos pós-coloniais.

Depois desta introdução a segunda secção aprofunda a descrição da abordagem metodológica. A terceira, documenta as experiências e percepções da desigualdade socio-espacial urbana em Maputo. Através de trechos selecionados das entrevistas biográficas, são apresentadas e analisadas narrativas sobre como as pessoas vivenciam e interpretam a urbanidade em Maputo. Na quarta secção, a discussão analítica é aprofundada para responder à questão de como crenças e desejos em torno da

estratificação social moldam as escolhas reprodutivas das pessoas em Maputo? Esta seção busca ilustrar que, apesar da convergência de crenças e desejos em relação à reprodução, é o acesso desigual das pessoas as oportunidades de agir que produzem variação reprodutiva intra-urbana em Maputo. A última seção é a conclusão.

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E ANALÍTICAS

Grande parte da pesquisa publicada sobre a dinâmica da fecundidade preocupa-se em medir este fenômeno demográfico em vez de compreendê-lo dentro do amplo contexto socio-cultural, económico e político onde ele tem lugar (Greenhalgh, 1996). Essa tendência de enfatizar a quantificação em relação ao aprofundamento teórico também foi notada por Demeny (1988), que afirma que o campo dos estudos populacionais tende a privilegiar a quantificação em detrimento de formulações teóricas robustas. Exemplos de estudos que caem nesta armadilha analítica em Moçambique são vários (ver Agadjanian, 1995b, 1995a, 2001; Arnaldo, 2004, 2013; Mazive, 1999).

O problema é que os indicadores quantitativos de boa qualidade estiveram e ainda estão mais disponíveis no Norte Global. E foi isso que possibilitou o desenvolvimento de teorias de base quantitativa geralmente julgadas adequadas para a compreensão dos fenómenos demográficos a escala global. À medida que mais evidências empíricas de natureza quantitativa e qualitativa, sobre tudo com estudos sociológicos e antropológicos se tornaram disponíveis no Sul Global (cf. Lesthaeghe & Surkyn, 1988), as propostas explicativas baseadas em estatísticas foram consideradas inadequadas para estes contextos.

Concretamente estas se revelavam pouco coerentes para a realidade das trajectórias demográficas nesses cenários pós-coloniais. Isso foi particularmente sentido em estudos de fecundidade. Acontece que fatores comportamentais que não são facilmente quantificados desempenham um papel importante nas escolhas reprodutivas. Assim, vários autores propuseram quadros analíticos e teóricos alternativos que levaram em consideração fatores não quantitativos para explicar fenômenos demográficos na

África pós-colonial (Bongaarts, Frank, & Lesthaeghe, 1984; Caldwell, 1976; Caldwell & Caldwell, 1987; Lesthaeghe & Surkyn, 1988; Lesthaeghe, 1989; Mbacke, 1994).

## ANÁLISE EMPÍRICA: ACESSO AO CONHECIMENTO PRÉ-REFLEXIVO E REFLEXIVO

Neste estudo, as fontes empíricas baseiam-se em entrevistas qualitativas, concretamente biográficas realizadas entre 2017 e 2019 na cidade de Maputo. Foram realizadas trinta entrevistas. Os critérios para selecionar os participantes do estudo foram: 1) nascer e morar em Maputo; e 2) ser um adulto em idade reprodutiva com ou sem filhos. O objetivo, ao aplicar estes critérios, foi garantir que as pessoas que participaram no estudo tivessem um profundo conhecimento sobre a vida urbana em Maputo e estivessem em idade reprodutiva.

Esses critérios mostraram-se úteis para assegurar que as pessoas que têm experiências amplas de vida na cidade de Maputo e tiveram filhos ou expressaram abertamente seus desejos de ter ou não ter filhos fossem entrevistadas. Assim participantes com diferentes origens espaciais, sociais, culturais, econômicas e demográficas abrangendo os 7 distritos municipais (Kampfumo, Nlhamankulo, Kamaxaquene, Kamavota, Kamubukwana, Katembe e Kanyaka) formam a fonte empírica primária da análise. Analiticamente, é seguida a perspectiva dos demógrafos contemporâneos que argumentam que as mudanças populacionais são produzidas pelos indivíduos à medida que agem e interagem socialmente (Willekens, et al., 2017).

Isso significa que a reprodução é uma ação social. Para agir e interagir, as pessoas não devem apenas construir, em um sentido sociológico e histórico, o contexto de ação e interação (ver Macamo, 2017), mas também devem interpretar o mundo social e usar seu senso comum para fazer suas escolhas que ditam seus comportamentos. Esses argumentos são consistentes com a posição dos demógrafos evolucionários. Sear, Lawson, Kaplan, & Shenk, (2016) e Shenk, Kaplan, & Hooper, (2016) afirmaram que os progenitores, nos contextos urbanos contemporâneos *tem conhecimento* da realidade

social de sua vida urbana e as escolhas reprodutivas refletem o que eles têm subjetivamente internalizado a partir de suas experiências objetivas em viver nas cidades.

Ao adotar essas proposições analíticas, o uso da terminologia "dados" para se referir às entrevistas biográficas pode ser problemático. A expressão "dados" reduz o conhecimento social a mera informação que precisa de estruturação e validação externa, neste caso de quem faz a pesquisa. Defendo que não é o caso e não deveria ser o caso nos estudos qualitativos quando as entrevistas (biográficas ou outras) são empregues para compreender fenômenos sociais. Em vez disso, é aceitável empregar a terminologia "conhecimento pré-reflexivo ou reflexivo" (BOHNSACK 2010, 2014). Isso significa que a única diferença entre o que as pessoas participantes na pesquisa disseram e o que quem faz a pesquisa diz ou reconstrói é somente a postura analítica.

O que as pessoas articulam como seus pensamentos a partir das suas experiências, ou seja o "senso comum" é conhecimento (BOURDIEU, 1989; MACAMO 2017). Não é só conhecimento no sentido de que é uma reconstrução subjetiva do mundo objetivo tal como vivenciado pelas pessoas, mas também porque tal conhecimento é o quadro teórico de orientação para os atores sociais (BOHNSACK 2010, 2014). Na verdade, Bourdieu e Wacquant (1992), sugerem que a pesquisa sobre o mundo social inevitavelmente parte de noções pré-construídas que devem ser encontradas em todos os lugares, inclusive na prática da pesquisa. Portanto, a postura de quem faz a pesquisa social é a de reconstruir de forma sistemática os padrões de conhecimento teórico oculto no senso comum. Ou seja, expor o conhecimento implícito oculto no conhecimento explícito.

## MECANISMO SOCIAL: DESEJOS, CRENÇAS E OPORTUNIDADES

Se aceitarmos que os fenômenos demográficos são resultado de como as pessoas agem e interagem, então devemos explicar por que as pessoas agem e interagem. Hedström (2005; 2006); Hedström e Swedberg (1998) propõem três conceitos através dos quais a ação social e a interação podem ser explicadas, nomeadamente as crenças, desejos e oportunidades. Estes são os "termos teóricos primários sobre os quais se baseia a análise de ação e interação social" (HEDSTRÖM, 2006, p. 76). Esses conceitos provaram ser um

ponto de partida válido para analisar as entrevistas biográficas e entender o que produz as disparidades de fecundidade intraurbana em Maputo. Conceitualmente:

> "desejo (...) é definido como querer que algo aconteça (ou não aconteça); crença é definida como uma proposição sobre o mundo considerada verdadeira [por um indivíduo ou grupo de indivíduos]; e, oportunidades, (...), [são] o 'menu' de alternativas de ação disponíveis para o ator [social], ou seja, o conjunto real de alternativas de ação que existem independentemente das crenças do ator social (HEDSTRÖM, 2005, p. 76).

Esses conceitos constituem a essência da abordagem do que se designa por "mecanismo social". Por meio de mecanismo social – ou mecanismo causal – quem faz pesquisa social pode fornecer uma explicação sólida sobre como a ação e interacção social, neste caso, as escolhas reprodutivas são realizadas.

> A ideia central por trás da abordagem do mecanismo social é que não explicamos a acção social evocando leis universais, ou identificando factores estatisticamente relevantes, mas especificando mecanismos que mostram como os fenômenos são provocados (HEDSTRÖM, 2005, p. 14).

O mecanismo social é, portanto, uma constelação de entidades e atividades que estão ligadas umas às outras de tal forma que regularmente trazem um tipo específico de resultado (HEDSTRÖM, 2005). Através dos três conceitos: Desejos, Crenças e Oportunidades, temos acesso a uma estrutura analítica e que fornece as bases concetuais para interpretar, no sentido, sociológico, porque, e como as pessoas fazem escolhas reprodutivas. Atores sociais agem, neste caso, fazem escolhas reprodutivas porque têm motivos baseados em uma constelação de desejos e crenças. Assim, desejos e crenças são os eventos mentais que causam uma ação porque fornecem a razão da ação, ou seja, a escolha. Mas as oportunidades de agir não dependem dos desejos e crenças do ator social. Por isso é necessário examinar minuciosamente o contexto em que as pessoas agem e interagem.

## URBANIDADE NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL NO SUL GLOBAL: O CASO DA CIDADE DE MAPUTO

Historicamente, a cidade de Maputo, era designada por cidade de Lourenço Marques antes da independência de Moçambique em 1975[2]. Esta cidade é o maior e mais importante centro urbano econômico de Moçambique. A urbanização em Maputo, como em outros lugares do continente Africano, tem uma longa história que antecede a presença dos europeus (JENKINS, 2013). No entanto, a presença europeia impactou e continua a impactar fortemente a distribuição espacial e o desenvolvimento dos assentamentos urbanos contemporâneos em Moçambique e em outros lugares de África. A estrutura espacial interna dos centros urbanos de cidades como Maputo (e de outras cidades contemporâneas e importantes da África) reflete em grande parte conhecimento e preferências arquitectónicas dos europeus, como argumenta Melo (2013).

O censo de 2017 estima que a cidade seja habitada por 1 080 277 habitantes. Esta população é classificada como urbana a despeito das enormes disparidades espaciais e socio-estruturais sem falar das económicas que caracterizam a cidade de Maputo (INE, 2019). O problema aqui é que cada país adota seus próprios critérios para definir assentamentos urbanos (Cohen, 2006). Além disso, tais critérios podem, ao longo do tempo mudar. Isso torna desafiador conceituar e teorizar inequivocamente sobre o espaço urbano, a vida urbana e a urbanidade. Muitas vezes o que se entende, conceitualmente, por espaço urbano, pela vida urbana ou pela urbanidade em um país não é equivalente em outro país. Mesmo dentro do mesmo país, com o passar do tempo, os critérios para classificar áreas urbanas podem mudar sem a clareza suficiente como observado em Moçambique (ARAÚJO, 2003).

Assim, as estatísticas de urbanização também podem mudar da noite para o dia, sem reflectir mudanças estruturais ao nível das experiências das pessoas. Como

[2] Durante o período colonial, Maputo era conhecida como a cidade de Lourenço Marques em homenagem a um oficial português enviado para explorar o estuário adjacente ao actual territorio da cidade de Maputo e a região que a rodeia. Outros nomes, como a Baía de Delagoa, foram usados durante essa altura em referência a Maputo. A actual região de Maputo era um centro comercial relativamente importante na África Oriental para os navegadores europeus.

sempre em estudos africanos, a maioria dos marcos conceituais e teóricos para interpretar o que constitui a urbanidade em África são derivados da experiência ocidental ou do norte global. As preocupações levantadas por Jenkins (2013) são consistentes com essas afirmações. Ele afirma que a compreensão contemporânea do que constitui a urbanidade em África, entendida como a qualidade essencial do estilo de vida urbana, deriva do trabalho acadêmico, particularmente na trajetória histórica de urbanização do Norte Global.

A crítica que ele faz é que é necessário trabalhar na contracorrente. Isto é, um outro nível de interpretar o urbanismo em África devia tomar como ponto de partida os significados que os residentes urbanos do contexto do sul global fazem da vida nas suas cidades. Haferburg e Rothfuss (2019) chamam a atenção para a importância deste tipo de abordagens para reinterpretar as experiências diárias e multifacetadas de quem vive nas cidades Africanas, fora do quadro conceitual normativo do norte global e enriquecer o quadro conceitual e teórico de estudos urbanos.

## EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DA DESIGUALDADE SOCIOESPACIAIS URBANAS EM MAPUTO

Em um nível descritivo, duas narrativas distintas sobre as experiências e percepções urbanas podem ser identificadas em Maputo. A primeira é que as narrativas sobre a urbanidade pós-colonial dividem o urbanismo em dois momentos distintos, isto é, antes e depois de 1992. A segunda é que as experiências de urbanidade das pessoas são marcadas pelas profundas disparidades socioeconômicas entre o que é interpretado como a *cidade* versus o que é interpretado como *bairros*. Embora a divisão antes e depois de 1992 reflita claramente o impacto das mudanças políticas e estruturais recentes e importantes na sociedade moçambicana, as experiências de disparidades socioeconômicas e socio-espaciais refletem efeitos incorporados, sedimentados e duradouros dos processos socio-históricos e geográficos de produção e reprodução da segregação urbana no período colonial e pós-colonial.

Em 1992, o Acordo de Paz que pôs fim a um conflito armado de quase 16 anos foi assinado entre a FRELIMO e a RENAMO[3]. O acordo introduziu uma nova Constituição que trouxe mudanças profundas no cenário político, econômico e social de Moçambique. Tendo adotado o socialismo após sua independência em 1975, no final dos anos 1980, essa ideologia foi rapidamente abandonada em todo o mundo no que Fukuyama (2013), descreveu como "O fim da História". Samora Machel, um revolucionário socialista e primeiro presidente de Moçambique desde 1975, morreu em 1986 em um acidente de avião no que pode ser, na melhor das hipóteses, descrito como circunstâncias controversas. Esses e outros eventos precipitaram a adoção do neoliberalismo ou da economia de mercado livre a partir de 1990.

Em relação à segregação socio-espacial, as narrativas enfatizam os contrastes entre a *cidade* e o *bairro.* O primeiro como um arquétipo urbano e o segundo como uma imperfeição do urbanismo, se não uma total ausência do estilo de vida urbano (na visão normativa do urbanismo como produto do ocidente). Essa dicotomia proferida pelas pessoas entrevistadas é uma importante marca discursiva que é consistente com discursos acadêmicos sobre a desigualdade urbana em Maputo (JENKINS, 2013; RAPOSO & SALVADOR, 2007)

No entanto, esta visão dualista é essencialista. Ela não toma em conta as incessantes transformações urbanas. A cidade africana pós-colonial é uma formação socio-espacial de caracter camaleónico e híbrido. A sua essência e natureza é a constante, imprevisível e incessante mutação que é geralmente espontânea (VIANA, 2009). Sob esse paradigma as interpretações dualistas como *cidade* versus *bairros* (muitas vezes referidas como assentamentos formais versus informais ou planejadas versus não planejadas, coloniais versus indígenas, estruturadas versus não estruturadas) são analiticamente inadequadas.

[3] A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) foram e continuam a ser os principais partidos políticos em Moçambique. Enquanto a FRELIMO tem suas origens na luta pela independência no início da década de 1960, a RENAMO tem suas origens no contexto da Guerra Fria durante o final da década de 1970. Desde 1994, as eleições em Moçambique têm sido disputadas entre esses dois partidos.

## A DIVISÃO ANTES E DEPOIS DE 1992

Nesta seção é examinada de forma minuciosa a descrição sobre a cidade do ponto de vista de contrastes temporais (antes e depois de 1992) e espaciais (*cidade* versus *bairro*) através das narrativas das pessoas entrevistadas. O trecho abaixo é uma descrição fornecida por uma das interlocutoras sobre como ela interpreta suas experiências em relação às mudanças ao longo do tempo em Maputo.

> Entrevistada Nº.9_F_39[4]: A nossa vida não é a mesma aqui nesta cidade. Acho que houve mudanças tanto negativas quanto positivas.
> Entrevistador: A quais mudanças você está se referindo?
> Entrevistada Nº.9_F_39: Aquelas em relação ao capitalismo.
> Entrevistador: Quando isso aconteceu?
> Entrevistada Nº.9_F_39: Eu poderia dizer no início da década de 1990.
> Entrevistador: Você pode explicar o que quer dizer?
> Entrevistada Nº.9_F_39: Sim. A nova moralidade que adquirimos me chocou. É algo que até hoje é desconfortável. Acho que isso impacta a maneira como vivemos hoje. Acho que vivemos de uma maneira ruim. Em geral, as pessoas não se respeitam mais, e não estou dizendo que é coisa nossa, mas quero dizer que antes era diferente. Eu posso entender a lógica. É por isso que estou dizendo que na década de 1990 a cidade começou a mudar rapidamente, começou a ficar lotada de refugiados que vieram para a cidade e eu sinto que os valores com os quais eu fui criada aqui nesta cidade, onde eu nasci e passei minha infância, começaram a mudar. E comecei a me isolar porque sentia que não era compreendida pelas pessoas se me encontrasse fora de lugares muito específicos. Por exemplo, se você disser a alguém que eles têm que parar quando o semáforo está vermelho, e a pessoa continua dirigindo e diz: "Qual é o problema com você?" Só olho e digo a mim mesmo que essa pessoa não está bem. E a pessoa diz: "Cuide da sua vida." E mesmo quando as pessoas dizem, "Vamos falar sobre isso", eu me pergunto, falar sobre o quê? Se essas pessoas não tiverem problemas em continuar dirigindo quando o semáforo estiver vermelho, se matarem alguém, dirão que foi um acidente e a vida continuará. Para mim, este é um erro grave. Eu nunca ignoro o semáforo quando está vermelho. Para mim, esse assunto é importante e afeta a maneira como vivo. Mas depois da década de 1990, por outro lado, muitas oportunidades apareceram. Acredito que fui exposta a muitas coisas por causa da mudança política. Eu tive acesso a uma educação estrangeira porque meus pais podiam pagar, graças ao novo sistema político, especialmente quando Moçambique se tornou membro da Commonwealth. Houve vitórias e derrotas, especialmente em nível pessoal. Lamento a moralidade, que até hoje não sei se me encaixo nesta sociedade. Mas também posso ver os benefícios que obtive com essas mudanças.

[4] O "F" significa Feminino e 39 é a idade da(o) entrevistada(o) no momento da entrevista.

A entrevistada, uma mulher com formação superior (doutorado), casada e mãe de 2 filhos e gestora em uma instituição pública renomada, fornece uma imagem rica do que, na sua opinião, mudou na cidade. Ela ressalta que as mudanças começaram no início da década de 1990, argumentando que havia uma nova moralidade que as pessoas adquiriram. Ela percebe que as pessoas começaram a se comportar mal em relação ao que costumava ser "normal" na cidade. Ela dá o exemplo do uso e observância dos semáforos.

O comportamento de desrespeitar ou ignorar os semáforos parece indicar a desordem na vida urbana que segundo a entrevistada começou no início da década de 1990. Além disso, ela também afirma que entende por que a cidade e as pessoas mudaram. Os efeitos dessas mudanças em Maputo parecem ter sido profundos como ela descreve. Outra informação importante na citação acima é sua atitude em relação a essa nova moralidade. Ela explica que uma opção é resistir a essas mudanças, embora às vezes ela aceite que são tempos diferentes com novos estilos de vida urbanos.

Tomando como pano de fundo a história política de Moçambique pós-colonial, o ano de 1992 é um momento divisor de águas. Separa dois momentos diferentes na história contemporânea de Moçambique. Tais momentos podem ser lidos nas narrativas sobre as mudanças nos estilos de vida urbanos em Maputo. Para a entrevistada, houve uma transição de uma sociedade urbana com aparentes padrões elevados de moralidade e socialmente mais ordenada para outra sociedade moralmente problemática e caótica. Na citação, ela enfatiza que, devido à nova moralidade, há espaços sociais onde pessoas com crenças semelhantes às dela se encontram e interagem. Mais importante, ela se sente confortável nesses espaços.

Além disso, a entrevistada argumenta que a mudança para uma sociedade urbana moralmente problemática e caótica não foi totalmente negativa. Ela percebe que houve resultados positivos em sua própria vida, ou seja, a possibilidade de estudar no exterior. No entanto, não é preciso dizer que poucas pessoas tiveram tal oportunidade na altura. A grande maioria dos habitantes pode ter experimentado desproporcionalmente os efeitos negativos da nova moralidade que ela afirma ser ruim.

Outro especto está ligado com a noção de que a cidade recebeu muitos refugiados. Na verdade, trata-se de pessoas deslocadas internamente e não refugiados. Devido à instabilidade política e militar, o movimento de populações deslocadas internamente para Maputo aumentou à medida que as pessoas buscavam refúgio e segurança. Além disso, a ocorrência de calamidades cíclicas, como secas e inundações ao longo da década de 1980, também forçou mais pessoas a migrarem para Maputo. O fluxo de deslocados internos levou a rápidas mudanças culturais e demográficas na cidade.

Por outro lado, sem capacidade institucional e recursos financeiros para lidar com o rápido crescimento demográfico (também motivado pela elevada fecundidade), a cidade viu sua capacidade de atender adequadamente seus cidadãos em declínio (Araújo, 2003). Como resultado, a prestação e o acesso a serviços básicos como habitação, água, eletricidade, transporte público, educação e saúde tornaram-se problemáticos para a grande maioria das pessoas. Assim, o recurso a práticas auto-regulamentadas geralmente designadas por práticas informais e, em certos casos contrárias a legislação, tornaram-se a única alternativa para ter acesso aos bens e serviços básicos (JENKINS, 2013).

Se após a independência, em 1975, Moçambique adoptou a ideologia socialista, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o país adoptou políticas radicalmente opostas, isto é, neoliberais (COSTA, 2011). Para Pitcher, (2002) isso incluiu a adoção de políticas que pudessem promover e facilitar o papel das entidades privadas na prestação de bens e serviços públicos, incluindo a educação. Para entender o impacto das políticas de promoção e facilitação da iniciativa privada no setor educacional é preciso examinar o contexto em que as escolas privadas emergiram e evoluíram. Varghese, (2004) mostra que, no contexto africano, uma das primeiras coisas que resultou da criação de instituições privadas dedicadas à educação foi o agravamento da estratificação social. Apesar de diferentes formatos da educação privada, a exclusão e a estratificação social tornaram-se mais visíveis.

No entanto, como discutido por Härmä (2016), em Maputo a educação privada nem sempre é equivalente ao acesso a uma escola de elite e cara. Pelo contrário, predominam instituições privadas baratas e precárias. Na grande maioria das escolas particulares, as condições podem ser piores do que nas escolas públicas. Mas

invariavelmente, sempre que os custos para frequentar uma instituição privada de ensino são extremamente altos, tais custos são percebidos como um sinal de melhor qualidade de ensino. Outro participante do estudo expressou sua percepção dessas mudanças em Maputo nos seguintes termos:

> No passado, não havia muito nas prateleiras das lojas. Nem havia supermercados por aqui. Você ia para a escola e voltava para casa sem muitos problemas. Subitamente, tudo mudou. Hoje há um monte de produtos que você pode ter acesso, especialmente no centro da cidade. As crianças se distraem com esses produtos. Não sei se posso chamar de desenvolvimento ou a mudança que o país sofreu. É a abertura para o mundo (Entrevistado Nº.6_M_41).

Este entrevistado introduz um aspecto importante em suas descrições sobre a vida urbana em Maputo. Especificamente, ele fala sobre a ligação entre a mudança nos padrões de consumo e os estilos de vida urbanos. Ele diz que durante sua infância, não havia muito para consumir, então as crianças tinham menos distração. Em contraste, hoje as prateleiras estão cheias de produtos que estão inclinados a causar distração. A visão é que o consumo em massa é uma dimensão integral dos estilos de vida atuais em Maputo contrastando com estilos de vida antes de 1992.

Esses trechos parecem sugestivos em relação à forma como as pessoas vivenciam e caracterizam como os estilos de vida urbanos em Maputo mudaram na história recente da cidade. A experiência de mudança nos estilos de vida é articulada claramente em termos de antes e depois de 1992. Essas mudanças podem estar ligadas a alguns dos principais eventos históricos, econômicos e políticos em Moçambique, e como esses eventos moldaram a sociedade como um todo e, eventualmente, a cidade.

No entanto, é de extrema importância lembrar que os trechos descritos são narrativas. Ou seja, são socialmente construídas como interpretações das pessoas sobre suas experiências. As narrativas apresentadas visam mostrar como as pessoas descrevem e interpretam as suas experiências e como se pode situar as experiências descritas dentro de contextos históricos mais amplos para entender o seu significado enquanto quadro te orientação da acção e interacção social.

## SEGREGAÇÃO SOCIO-ESPACIAL EM MAPUTO: A *CIDADE* VERSUS OS *BAIRROS*

A citação abaixo é uma descrição da vida urbana.

> A vida em Maputo não é boa. A cidade tornou-se um grande centro comercial. No futuro, será uma cidade muito cara. Mais pessoas fugirão e só pessoas com dinheiro ficarão lá. A vida não é fácil lá. Até os estrangeiros sentem isso. Dizem que a cidade é mais cara que a Europa, é como a Noruega. Acho que Maputo perdeu algo como... [frase não finalizada pelo participante]. Olha, eu conhecia Maputo de uma maneira diferente. Eu tinha muitos amigos e tudo mais, e íamos lá para conversar, nos encontrar e organizar nossas ideias. Mas hoje, ninguém está lá. Nos lugares que nos encontrávamos, ninguém está lá. Os lugares estão lá, mas mesmo quando você vai lá, parece que você tem que sair imediatamente porque ninguém quer você lá. Não sei se estou dizendo isso corretamente. Algo como, depois de quatro minutos você se encontra dizendo: "Isso não tem nada a ver comigo. Não tenho dinheiro para mostrar a toda a gente a todo o momento". Então, deste ponto de vista, não estou convencido de que Maputo é um bom lugar para se viver. Eu prefiro a vida aqui nos bairros. Aqui o pouco que cada um tem é valorizado e partilhado (Entrevistado Nº.1_M_38).

O respondente é um homem de 38 anos, casado e pai de 3 filhos. Ele é músico de profissão. É preciso situarmos esta narrativa no contexto dos processos, mas também das consequências da adesão do país à economia de mercado livre. É plausível que a concorrência e o acesso aos recursos financeiros se tornassem ou fossem considerados importantes quando o socialismo foi abandonado. O entrevistado acredita que apenas os ricos vivem na cidade, não os pobres. Esta descrição é importante e podemos perguntar como se avalia quem era ou é rico na cidade? A narrativa oferece pistas importantes ao falar do consumo e dos espaços de convivência.

Ele sugere que as demonstrações pessoais de posse de recursos econômicos são fundamentais para caracterizar não apenas disparidades em nível pessoal, mas também as disparidades urbanas na cidade. Essa questão de ser ou parecer rico merece mais consideração. O próprio entrevistado mora na cidade de Maputo, porém sua narrativa parece situá-lo fora da cidade. Ele continua se referindo à cidade como “lá” e usa “aqui” para se referir ao local em que vive. Essas escolhas de palavras e como são

empregues para caracterizar disparidades socioeconômicas e espaciais urbanas merecem atenção. Essa escolha é consistente com a publicação "Há diferença: Ali é cidade, aqui é subúrbio: Urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Luanda e Maputo" por Raposo & Salvador (2007).

Esta publicação usa “ali” e “aqui” como marcas discursivas para descrever a desigualdade urbana a partir das narrativas e das experiências dos residentes. Os contrastes urbanos são interpretados com recurso a expressões verbais que destacam a distância social do sujeito em relação ao espaço. A noção da cidade como é apresentada pelo entrevistado é, por isso, uma contestação social e também uma interpelação conceptual. A cidade não é somente o que é descrito como contraste face ao bairro, mas também em relação ao sentido científico de urbano que é a essência da noção de cidade, portanto, como contraste de rural. A cidade-território como formação espacial, social e administrativa urbana governada pelo município com os seus 1 milhão de habitantes parece somente existir para os académicos, gestores do município e burocratas.

A experiência descrita de estar na cidade é percebida como possível apenas em certos contextos urbanos e não em todo o território administrativamente estabelecido como cidade. É somente na cidade percebida como o arquétipo do urbano, que se "perdeu alguma coisa" moralmente positiva. Tanto a cidade quanto o bairro, no sentido proferido pelos participantes do estudo, são espaços simbólicos. Bourdieu (1989, p. 20) conceitua espaços simbólicos como aqueles em que grupos de estatutos distintos são caracterizados por diferentes estilos de vida. Em vez de uma mera entidade territorial e geográfica, o espaço simbólico também dá e transmite significados sobre os objetos e ações dentro dele, como classe ou *habitus*, bem como padrões de consumo.

Nesse sentido, os bairros descritos pelos participantes são consistentes com a análise de Richardson e Skott-Myhre (2012) sobre a vida nos espaços periféricos urbanos. Eles argumentam que o gueto não é apenas um local de moradia, é também uma prática vivida marcada pela privação socioeconômica, maiores índices de criminalidade, forte coesão social e redes locais. Isso torna as experiências de seus moradores muito diferentes da dos moradores de outros bairros da cidade. Algumas entidades e práticas do bairro (gueto) são incompreensíveis para quem não vive neles.  A distinção entre a cidade e o

bairro é também uma distinção que molda e é moldada pelas escolhas comportamentais incluindo as reprodutivas.

## ESTILOS DE VIDA URBANOS E ESCOLHAS REPRODUTIVAS EM MAPUTO

Recentemente, demógrafos evolucionários sugeriram que, nas áreas urbanas contemporâneas, a concorrência por um melhor estatuto socioeconômico vem empurrando para baixo a fecundidade (SEAR et al., 2016; SHENK at al., 2016). Nesse sentido, a concorrência pela ascensão social vem impactando as escolhas reprodutivas nas áreas urbanas. Em África, isso tende a ser particularmente verdadeiro considerando a redução observada nas taxas de fecundidade claramente mais notável em áreas urbanas que rurais (GARENNE & JOSEPH, 2002). Quanto menor o tamanho familiar dentro desses contextos urbanos, melhores são as oportunidades para a ascensão social. Isso significa que se pode alcançar objetivos socialmente simbólicos, como maior estatuto social, através do gerenciamento de escolhas reprodutivas.

A razão é que, nesses contextos, os indivíduos competem pela ascensão social com base nas habilidades intelectuais adquiridas através da acumulação de capitais simbólicos como a educação formal. Progenitores com menos filhos tem melhores probabilidades de investir mais na educação de seus filhos, permitindo que eles superem seus pares. Apesar das crenças e desejos associados à menor fecundidade como estratégia para acelerar a mobilidade social individual e familiar, as oportunidades de escolhas para limitar o tamanho da família dependem do estatuto socioeconômico e do contexto urbano imediato. A citação a seguir pode elucidar esta interpretação:

> Eu sou uma jovem da cidade. Hoje, eu entendo melhor isso. Minha maneira de pensar é diferente. Não estou dizendo que aquelas jovens dos bairros não são... Não estou me achando melhor que as demais, mas vejo as coisas de forma diferente. Talvez porque eu viajei para países no exterior algumas vezes. Eu não faço as coisas da mesma forma que aquelas meninas do interior ou as do bairro do Jardim e Luís Cabral e Zona-Verde. Não é a mesma coisa. Nos bairros, as coisas são diferentes. Por exemplo, eu tenho dois filhos e eu os tive recentemente. As pessoas lá talvez já tenham um filho logo aos 15 anos. É diferente. Veja, porque eu cresci na cidade (Entrevistada Nº.10_F_39).

A citação pertence a uma mãe de dois filhos e casada. Ela tem curso superior e trabalha como assistente cultural e por vezes como educadora de infância para parte da comunidade de estrangeiros que vivem em Maputo. A crença na existência de diferenças entre os estilos de vida urbanos, isto é, da cidade em relação aos bairros é articulada para se referir às diferenças nas escolhas reprodutivas. Ela acredita que há diferenças psicossociológicas em relação à forma como os indivíduos pensam sobre a reprodução na *cidade* e nos *bairros.* Em sua narrativa, ela sugere que os estilos de vida urbano são diferentes, não apenas porque as pessoas têm práticas diferentes das dos bairros, mas também porque as pessoas têm crenças e possivelmente desejos diferentes das pessoas no bairro.

As diferenças psicossociais e as práticas sociais são interpretadas pela entrevistada como um produto de diferenças entre a vida da cidade e do bairro. No entanto, trata-se, mais uma vez, de uma referência não apenas aos distintos estilos de vida urbanos, mas também às diferenças no estatuto socioeconômico e também na existência de desigualdades espaciais. Essas desigualdades sociais, espaciais e econômicas, especialmente as aspirações à ascensão social, desempenham um papel fundamental no tipo de alternativas de ação que as pessoas podem aceder para alcançar seus objetivos reprodutivos.

O desejo de expressar a distância social, que é uma afirmação do estatuto social é articulado em termos de quando ter filhos. Ela argumenta que só teve filhos recentemente em contraste com as jovens moradoras nos bairros que, supostamente, tiveram filhos mais cedo. Esses contrastes não devem ser tomados como reflexo de meras decisões e escolhas pessoais. O que não é interpretado de forma aberta pelas pessoas que participaram no estudo é que os estilos de vida urbanos contemporâneos (na *cidade* ou no *bairro*) são favoráveis, permissíveis e incentivam a limitação de nascimentos.

Mais importante, a urbanidade contemporânea recompensa as pessoas por escolherem limitar os nascimentos, portanto por ter uma família menor. Nesses contextos, mulheres e homens estão cientes do "prêmio" reprodutivo que resulta da limitação do tamanho familiar. Com ou sem acesso adequado aos contraceptivos, a crença e o desejo de limitar o tamanho da família está atrelado às aspirações de mobilidade social. Em geral

nos espaços urbanos as pessoas tendem a acreditam no valor económico e social de uma família menor e, acima de tudo, desejam reduzir o tamanho da família, mesmo no contexto dos bairros. É esta tendência que pode explicar a baixa fecundidade urbana em relação a rural.

Recentemente, demógrafos evolucionários propuseram que a escolha para ter um tamanho de família menor em áreas urbanas está relacionada às expectativas em relação à mobilidade social (SHENK, et al., 2016). Sear et al. (2016), explicam que o nexo entre fecundidade e mobilidade social é fundamental para entender e explicar por que as pessoas residentes nas cidades tendem a ser caracterizadas por taxas de fecundidade mais baixas do que a sua contraparte rural. A linha de raciocínio aqui sugere o seguinte: quando os indivíduos acreditam que estão competindo por um estatuto socioeconômico mais elevado, ter menos filhos é visto como uma escolha estratégica para melhorar as oportunidades de mobilidade social.

É interessante notar que Lesthaeghe, (1989) já teria constatado que entre as famílias que buscavam limitar o numero de nascimentos em África, sobretudo no contexto urbano a razão invocada era de assegurar que pudessem concentrar seus gastos e atenção em apenas poucas crianças. Limitar nascimentos era e é visto como fundamental para acumular diferentes formas de capital simbólico. Uma vez que a mobilidade social nos contextos urbanos modernos também está atrelada às conquistas educacionais, o investimento em poucos filhos permite que estes adquiram melhores habilidades intelectuais e aumentem seu potencial de mobilidade socioeconômica. Como então explicar que existam diferenças significativas no número de filhos por mulher em idade reprodutiva em Maputo, enquanto espaço urbano, tal como mostram os censos 1997 e 2007?

## DISPARIDADES DE ESCOLHAS REPRODUTIVAS EM MAPUTO

Para entender por que a taxa de fecundidade varia dentro de uma subpopulação teoricamente homogênea como os moradores da cidade de Maputo deve-se olhar o que está além dos motivos das escolhas reprodutivas. A partir desta leitura o desejo ou a crença no benefício da pequena família são motivações convincentes para

reduzir o tamanho da família. Mas o que produz diferentes tamanhos de família são os limites no acesso às oportunidades para agir. A autonomia pessoal e factores institucionais condicionam que oportunidades de escolha são possíveis.

A autonomia das pessoas (agência) e fatores institucionais influenciam quais ações alternativas, ou seja, o número de oportunidades para agir que estão disponíveis para um ator social. Embora a autonomia pessoal seja em grande parte moldada pela posição social e pelo estatuto económico, os fatores institucionais estão incorporados no contexto social. Consequentemente, as disparidades de fecundidade intraurbana em Maputo são geradas por um mecanismo baseado em oportunidades.

Em termos analíticos o que está a ser dito é que todos os seres humanos são compelidos a fazer escolhas. A combinação de desejos e crenças associadas a ascensão social e sua relação com o tamanho da família compele os indivíduos a escolher uma família reduzida. Este fenómeno não é necessariamente novo. Foi observado na aristocracia francesa do século XIX (Bejin, 1989), na China comunista do final do século XX (Greenhalgh, 1988) e também em África, sobretudo nas grandes cidades (GURMU & MACE, 2008). É praticamente um fenómeno observado nas cidades contemporâneas em todo o mundo (MACE, 2008).

Entretanto como discutido por Willekens et al., (2017) toda a escolha é feita em função de um numero limitado de alternativas; e as oportunidades para escolher entre as diferentes alternativas não dependem das crenças e dos desejos do actor social. As oportunidades variam de pessoa para pessoa consoante o estatuto económico e de lugar para lugar em função da estrutura socio-espacial. É por isso que se afirma que as desigualdades no comportamento reprodutivo na cidade de Maputo são geradas pelas disparidades no acesso as oportunidades para agir.

A análise empírica mostra que é entre as pessoas que vivem na *cidade* onde existem mais alternativas de escolha seja para ter o tamanho de família menor ou maior. As escolhas reprodutivas dos moradores das cidades são muito mais próximas as suas crenças e desejos que os moradores dos bairros. Nos bairros a possibilidade de efectuar escolhas reprodutivas que estejam muitos mais próximas das crenças e dos desejos dos actores sociais é limitada. É importante lembrar que as escolhas reprodutivas implicam

identificar as alternativas de acções possíveis e selecionar aquelas que o ator social tem a possibilidade de executar consoante o seu estatuto e o contexto onde vive. Por isso, entre as pessoas com estatuto social e económico mais baixo particularmente mulheres, e sobretudo no contexto espacial e social dos bairros, onde há poucas oportunidades institucionais, as escolhas alternativas são limitadas.

Estas evidências podem ser discutidas a luz da noção dos determinantes próximos de fecundidade (veja Bongaarts, 1978, 2015; Kingsley & Blake, 1956). A noção de que o comportamento humano é, a par dos factores biológicos, um dos determinantes próximos da fecundidade é consistente com a noção de que o acesso limitado as oportunidades de agir socialmente determina o nível de fecundidade. O comportamento humano, incluindo o reprodutivo é feito de escolhas. Se são verificados limites em termos oportunidades das alternativas face as escolhas reprodutivas, então não se pode falar de determinantes da fecundidade sem falar da noção de oportunidades para agir como o mecanismo social que regula a fecundidade humana.

## CONCLUSÃO

Na capital moçambicana, Maputo, em 1997, o distrito municipal de Kampfumo teve a menor taxa de fecundidade estimada em 2,7 filhos por mulher, enquanto as mais altas foram observadas em Kamubukwana e Nlhamankulo com 3,4 filhos por mulher. Curiosamente, em 2007, Kampfumo permaneceu o distrito municipal com a menor taxa de fecundidade, ou seja, 2,1 filhos por mulher, enquanto Kamavota e Katembe, foram os municípios com as maiores taxas de fecundidade, de 3,5 filhos por mulher. Essas disparidades contradizem a ideia de que nos contextos urbanos contemporâneos a fecundidade é homogênea.

A atenção de quem faz pesquisa sobre a fecundidade em África, não deve ser apenas dedicada a examinar, empregando quase sempre os métodos quantitativos, a questão sobre por que a população urbana é mais propensa a ter menos filhos e por isso a ter menor tamanho familiar do que a população rural. Este tem sido um dos principais eixos de pesquisa a par de estudos quantitativos de disparidades reprodutivas entre países

e regiões em África. Como explicado por Strulik e Vollmer (2010), as associações estatísticas entre urbanidade e escolhas reprodutivas são um ponto de partida frágil para interpretar as variações dos níveis de fecundidade no mundo contemporâneo.

Uma das razões para isso é que a transição da elevada para baixa fecundidade vem ocorrendo tanto entre a população urbana e rural, bem como entre indivíduos ricos e pobres. Como mostrado por Knodel et al., (1984) na Tailândia, os pobres podem e conseguem limitar o tamanho das suas famílias sem necessariamente experimentarem mudanças significativas na sua qualidade de vida. Este artigo argumenta que o uso do estatuto socioeconômico para prever escolhas reprodutivas é enganoso.

Acontece que diferentes alternativas reprodutivas estão disponíveis para diferentes indivíduos. Quando os dados demográficos em Maputo mostram que um grupo de indivíduos tem uma taxa de natalidade menor, isso não significa que haja apenas um único processo através do qual esse resultado semelhante tenha sido produzido em todos os grupos sociais com taxa de natalidade menor. Taxas de natalidade mais altas ou menores em Maputo são resultado de diferentes processos. O aspecto comum nesses processos é sobre as restrições na realização de escolhas. Enquanto alguns indivíduos desfrutam de um grau mais amplo de escolha, seja para alcançar um tamanho familiar menor ou maior, outros têm acesso a alternativas limitadas para materializar as suas escolhas reprodutivas de acordo com suas crenças e desejos.

O principal argumento aqui é que o mecanismo social que produz as disparidades observadas é o acesso desigual às oportunidades de agir. O que se quer dizer é que há um acesso desigual a alternativas de ação no que diz respeito às escolhas sobre a procriação. A reprodução humana também é um acto social é nem sempre isto é óbvio. Tal afirmação implica entendê-la dentro do contexto social mais amplo em que as pessoas agem como seres sociais; o que motiva suas ações e os caminhos e possibilidades para agir no sentido sociológico. Este artigo, portanto, é uma contribuição para um melhor entendimento da reprodução no contexto pós-colonial urbano em África.

**REFERÊNCIAS**

AGADJANIAN, V. **Fertility and society in Maputo Mozambique**. Doctoral Thesis. University of Southern California. Los Angeles, California, 1995a.

AGADJANIAN, V. **Fertility Patterns and Urban Lifestyles:** Maputo, Mozambique, 1990's. Paper presented at the 1995 Annual Meeting of the Population Association of America (PAA), April 6-8, 1995, San Francis-co, California. Washington, DC, 1995b.

AGADJANIAN, V. **Religion, social milieu, and the contraceptive revolution**. Population Studies, 55(2), 135–148, 2001.

ARNALDO, C. **Regional fertility trends in Mozambique**. Journal of Population Research 21(2), 177-197, 2004.

ARNALDO, C. Fecundidade em Moçambique nos últimos 50 anos: Alguma Mudança? In C. Arnaldo & B. Cau (Eds.) **Dinâmicas de População e Saúde em Moçambique** (pp. 37–60). Maputo: CEPSA, 2013.

BEJIN, A. **Arsene Dumont and social capillarity**. Population, 44(6), 1009–1028. 1989. Disponível em:< https://www.popline.org/node/369541>. Acesso em 03 de mai. de 2021.

BOHNSACK, R. **Documentary method and group discussions**. Qualitative analysis and documentary method in international educational re-search. Eds Bohnsack, R; Pfaff, N; Weller, W, 2010.

BOHNSACK, R. **Documentary Method**. The SAGE handbook of qualitative data analysis, 2014.

BONGAARTS, J. **A Framework for Analyzing the Proximate Determinants of Fertility**. Population and Development Review, 4(1), 105. 1978. Disponível em: < https://doi.org/10.2307/1972149>. Acesso em 03 de mai. de 2021.

BONGAARTS, J. **Modeling the fertility impact of the proximate determinants: Time for a tune-up**. Demographic Research, 33(1), 535–560. 2015. Disponível em:<https://doi.org/10.4054/DemRes.2015.33.19>. Acesso em 03 de mai. de 2021.

BONGAARTS, J. **Africa's Unique Fertility Transition**. Population and Development Review, 43, 39–58, 2017.

BONGAARTS, J.; & FEENEY, G. **On the Quantum and Tempo of Fertility**. Population and Development Review, 24(2), 271, 1998.

BONGAARTS, J.; FRANK, O.; & LESTHAEGHE, R. **The Proximate Determinants of Fertility in Sub-Saharan Africa**. Population and Development Review, 10(3), 511–537, 1984.

BOURDIEU, P; & WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. University of Chicago press, 1992.

BOURDIEU, P. **Social space and symbolic power**. Sociological Theory, 7(1), 14–25, 1989.

CALDWELL, J. C. **Toward a restatement of demographic transition theory**. Population and Development Review, 2 (3/4), 231-366, 1976.

CALDWELL, J. C.; & CALDWELL, P. **The Cultural Context of High Fertility in sub-Saharan Africa**. Population and Development Review, 13(3), 409–437, 1987.

COHEN, B. **Urbanization in developing countries:** Current trends, future projections, and key challenges for sustainability. Technology in Society, 28(1–2), 63–80, 2006.

COSTA, A. B. **Famílias de Maputo:** processos de mobilidade e transformações urbanas. Revista Internacional Em Língua Portuguesa-RILP, 177–192, 2011.

DEMENY, P. **Social science and population policy**. The Population and Development Review, 451–479, 1988.

FUKUYAMA, F. **The "End of History" 20 Years Later**. New Perspectives Quarterly, 30(4), 31–39, 2013.

GARENNE, M.; & JOSEPH, V. **The Timing of the Fertility Transition in Sub-Saharan Africa**. World Development, 30(10), 1835–1843, 2002.

GREENHALGH, S. **Fertility As Mobility:** Sinic Transitions. Population and Development Review, 14(4), 629–674. 1988. Disponível em:< https://doi.org/10.2307/1973627>. Acesso em 03 de mai. de 2021.

GREENHALGH, S. **The social construction of population science:** An intellectual, institutional, and political history of twentieth-century demography. Comparative Studies in Society and History, 38(1), 26–66, 1996.

GURMU, E. & MACE, R. **Fertility decline driven by poverty:** the case of Addis Ababa, Ethiopia. Journal of Biosocial Science 40(3), 339-358, 2008.

HAFERBURG, C. & ROTHFUSS, E. **Relational Urbanity** – Perspectives on a global urban society beyond universalism and localism. Geographische Zeitschrift 107(3), 166-187, 2019.

HÄRMÄ, J. **Is there a private schooling market in poor neighbour-hoods in Maputo, Mozambique?** Exploring the role of the non-state education sector. Oxford Review of Education, 42(5), 511–527, 2016.

HEDSTRÖM, P; & SWEDBERG, R. **Social mechanisms:** An analytical approach to social theory. Cambridge University Press, 1998.

HEDSTRÖM, P. **Dissecting the social:** On the principles of analytical sociology. Cambridge University Press, 2005.

HEDSTRÖM, P. **Explaining social change:** An analytical approach. Papers: Revista de Sociologia, 80, 73–95, 2006.

INE [Instituto Nacional de Estatística]. **Moçambique:** II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997: Resultados Definitivos - Cidade de Maputo. Maputo, 1999.

INE [Instituto Nacional de Estatística]. **Moçambique:** III Recenseamento Geral da População e Habitação 2007: Resultados Definitivos - Cidade de Maputo. Maputo, 2009.

INE [Instituto Nacional de Estatística]. **Moçambique:** III Recenseamento Geral da População e Habitação 2007: Apresentação dos Resultados preliminares. Maputo, 2019.

JENKINS, P. (2013). **Urbanization, urbanism, and urbanity in an African city:** home spaces and house cultures. Springer.

KINGSLEY, D.; & BLAKE, J. **Social Structure and Fertility:** An Analytic Framework. Economic Development and Cultural Change, 4(3), 211–235, 1956. Disponível em:< https://doi.org/10.1086/449714>. Acesso em 03 de mai. de 2021.

KNODEL, J.; HAVANON, N.; & PRAMUALRATANA, A. **Fertility transition in Thailand:** A qualitative analysis. Population and Development Review, 10(2), 297-328, 1984.

LESTHAEGHE, R. **Reproduction and social organization in sub-Saharan Africa** (Vol. 4). University of California Press, 1989.

LESTHAEGHE, R.; & SURKYN, J. **Cultural dynamics and economic theories of fertility change**. Population and Development Review 14(1), 1-45, 1988.

MACAMO, E. **The Taming of Fate:** Approaching Risk from a Social Action Perspective Case Studies from Southern Mozambique. CODESRIA, 2017.

MACE, R. **Reproducing in cities**. Science, 319(5864), 764-766, 2008.

MAZIVE, E. **Fecundidade diferencial intraurbana**. O caso de Maputo Cidade. Master Thesis. Chile, 1999.

MBACKE, C. **Family Planning Programs and Fertility Transition in sub-Saharan Africa**. Population and Development Review, 20(1), 188–193, 1994.

MELO, V. de P. **Urbanismo português na cidade de Maputo:** passado, presente e futuro. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana 5(1), 71-88, 2013.

RAPOSO, I. & SALVADOR, C. Há diferença: Ali é cidade, aqui é subúrbio: Urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Luanda e Maputo. In: **Subúrbios Luanda e Maputo** (pp. 105–138). Lisboa: Edições Colibri, 2007.

RICHARDSON, C. & SKOTT-MYHRE, H. A. Introduction. In C. Richardson & H. A. Skott-Myhre (Eds.), **Habitus of the Hood**. Intellect Books, 2012.

SEAR, R.; LAWSON, D. W.; KAPLAN, H.; & SHENK, M. K. **Under-standing variation in human fertility:** what can we learn from evolutionary demography? Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences, 371(1692), 20150144, 2016.

SHENK, M. K.; KAPLAN, H. S.; & HOOPER, P. L. **Status competition, inequality, and fertility: implications for the demographic transition**. Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences, 371(1692), 20150150, 2016.

STRULIK, H.; & VOLLMER, S. The Fertility Transition Around the World-1950-2005. In: **Proceedings of the German Development Economics Conference**, Hannover 2010. Verein für Socialpolitik, Research Committee Development Economics, 2010.

VARGHESE, N. V. **Growth and expansion of private higher education in Africa**. Paris, 2004.

VIANA, D. **African City:** towards a new paradigm–"chameleonic" urbanism for hybrid cities". International Conference on African Perspectives: The African Inner City. Pretoria: University of Pretoria, 2009.

WILLEKENS, F.; BIJAK, J.; KLABUNDE, A.; & PRSKAWETZ, A. **The science of choice:** an introduction. Population Studies, 71(sup1), 1–13, 2017.

Recebido em janeiro de 2021.

Revisão realizada em maio de 2021.

Aceito para publicação em junho de 2021.